



CINEMA

LITERATURA

MUSICA

TELEVISAO

PENSAMENTOS

FALE CONOSCO

PIPOQUEIROS



CINEMA

Segundo round

Por: Fábio Freire



Impossível assistir a *Manderlay*, novo trabalho do provocativo Lars von Trier, sem fazer comparações com o anterior *Dogville*. Primeiro porque os dois filmes fazem parte de uma trilogia sobre os Estados Unidos. Depois porque em ambas as produções o diretor mostra todo o seu talento manipulativo na construção de uma história que tem como objetivo versar sobre as agruras da América. Mas apesar de ser um grande filme,

Manderlay perde na comparação com *Dogville*. As razões são as mais diversas.

O fio condutor de *Manderlay* continua sendo Grace. Se no primeiro filme, ao fugir de gângsteres, a idealista garota comia o pão que os habitantes de Dogville amassaram, aqui ela tenta salvar uma fazenda e seus habitantes de seu próprio preconceito. Dessa forma, *Manderlay* já sai em desvantagem. Enquanto *Dogville* tratava de temas universais como a mesquinharia do ser humano, *Manderlay* é sobre o preconceito, mais precisamente sobre o preconceito nos Estados Unidos. O filme perde, assim, impacto ao limitar o seu raio de alcance.

As personagens, aqui, também não são tão interessantes e grandes atores mal aparecem em cena, caso de Jeremy Davies, Clôe Sevigny e Lauren Bacall. Se em *Dogville* éramos apresentados a um punhado de personagens interessantes e complexos, em *Manderlay* vemos apenas rascunhos interessantes e tipos estereotipados, o que pesa contra o filme. Até a própria Grace merece menos destaque, apesar da boa atuação de Bryce Dallas Howard (revelação de *A Vila*), que faz o que pode para substituir Nicole Kidman. A Grace de Dallas é idealista, ingênua e, às vezes, não convence por ainda acreditar piamente no ser humano, mesmo depois da traumática experiência anterior. A produção falha, assim, em causar envolvimento no espectador, pressuposto fundamental para que von Trier alcance seus objetivos.



Formalmente falando, *Manderlay* não traz inovações, seguindo à risca a cartilha proposta por Lars von Trier em *Dogville*. Possui uma estrutura literária, sendo dividido em um prólogo e oito capítulos. Mantém a mesma interessante

ATUALIZAÇÕES

17/06 Van Damme, a redenção [JCVD]

17/06 Katie Melua [Katie Melua - The Katie Melua Collection]

28/05 Canto de casa para todos os pretos [Livia Lucas - Canto de Casa]

28/05 Da Lama ao Caos. [Chico Science & Nação Zumbi - Da Lama ao Caos]

17/04 Meio que tardio [Guns and Roses - Chinese Democracy]

DO MESMO AUTOR

Minha vida sem mim [O Sol de Cada Manhã]

Cidade do Diabo [Cidade Baixa]

A patricinha de Versalhes [Maria Antonieta]

Mundo cão [Dogville]

Pálido retorno [Nunca é Tarde para Amar]

LEIA TAMBÉM

21/01/2006 Jovens americanos [Manderlay]



trazem a mesma interessante narração *over*. Os cenários mais uma vez são substituídos por marcas no chão e a encenação se dá toda em um grande palco. *Manderlay* deixa, então, de inovar e o espectador, já

acostumado com a estética teatral do filme, passa a prestar mais atenção no desenrolar da história. O problema é que essa estética não traz o mesmo significado que no anterior, que explorava de melhor forma a geografia da cidade em tomadas aéreas, evitando que o espectador ficasse confuso com a falta da cenografia. A ausência de cenários também funcionava ao contrastar um local sem portas, paredes e janelas, mas onde todos pareciam alheios ao que estava acontecendo à Grace. Em *Manderlay*, essa falta de cenários só funciona realmente quando Grace está do lado de fora do banheiro, no momento em que alguns negros tomam banho, no mais parece ser apenas um recurso gratuito.

Mas mesmo com todos esses poréns, *Manderlay* é obrigatório e traz a marca de Lars von Trier, polêmico diretor que lançou o movimento Dogma 95, subverteu o gênero musical em *Dançando no Escuro* e fez Nicole Kidman usar um sino igual ao de uma vaca em *Dogville*. O diretor prova mais uma vez que é o rei da manipulação ao deixar todas as pistas necessárias ao longo do filme, impedindo que o espectador tenha qualquer surpresa e desvie seu foco da "mensagem" que ele quer passar. von Trier sabe como ninguém realizar cenas de impacto e edição mais enxuta favorece esses grandes instantes. *Manderlay* é bem sucedido, assim, nesse quesito, sendo a hora que Grace tem que matar um dos habitantes da fazenda um dos momentos mais fortes do filme.

Lógico que muitos não irão concordar com a visão do diretor, que prega o racismo como uma via de mão dupla. Visão essa bem representada pela personagem de Danny Glover. Mas essa é a intenção do diretor. Lars von Trier ainda solta farpas em relação ao suposto processo democrático americano e ao armamento exagerado do país, em uma das cenas mais irônicas do filme e que atesta que Grace ainda vai continuar apanhando muito da vida. Pelo menos até o fechamento da trilogia. Difícil é esperar para ver o que Lars von Trier vai aprontar dessa vez.



14/11/2005

[Voltar](#)

Comentário dos leitores:

É complicado comparar os dois filmes, acho arriscado até. Mas fato é que eu discordo quando você diz que ao limitar o tema, *Dogville* sai ganhando de *Manderlay*. Muito pelo contrário, acho que *Dogville* serviu para dar um panorama inicial e mais geral, coisa que o *Manderlay*, por tratar de uma só questão, foi capaz de se aprofundar em ricos diálogos a respeito do assunto proposto. No mais, os dois são obras primas mais que obrigatórias,

essenciais. Abraço. :)

Mariana Porto

>> [Clique aqui para enviar seu comentário!](#)